



O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO DISLÉXICO NO ENSINO FUNDAMENTAL

ANDREZA DE SOUZA SILVA

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

O presente estudo tem como tema o papel do professor de Língua Portuguesa no processo de ensino e aprendizagem do aluno disléxico do ensino fundamental. Atualmente vários estudantes estão sendo diagnosticados. O papel das instituições escolares e do professor (profissional que está em contato direto com esse aluno) é promover auxílio para os disléxicos. Dessa forma o objetivo deste trabalho é contextualizar a atuação do educador durante o processo de construção de conhecimento do aluno disléxico, além de descrever as principais causas e implicações da dislexia. Justifica-se o estudo da temática em virtude da necessidade de aprofundar o conhecimento em relação aos distúrbios que afetam a aquisição de conhecimento, especialmente a dislexia, além de evidenciar as ações metodológicas que os professores de Língua Portuguesa utilizam para auxiliar os alunos com o transtorno. Para isso utiliza-se a pesquisa bibliográfica dos seguintes autores Gonçalves; Peixoto (2020), Suzana Moura (2013) Fernandes; Penna (2008), Cunha (2010), Pinheiro; Cabral (2017) e Lima (2018). Através desse estudo é possível observar que é essencial o papel do professor de Língua Portuguesa nesse processo, e que, portanto, cabe a ele a responsabilidade de realizar intervenções pedagógicas que facilitem a estruturação do conhecimento dos educandos disléxicos e compreender a diversidade da sala de aula.

Palavras-chave: Dislexia. Ensino e Aprendizagem. Língua Portuguesa.

ABSTRATC

The present study has as its theme the role of the Portuguese language teacher in the teaching and learning process of dyslexic elementary school students. Currently

several students are being diagnosed, the role of school institutions and the teacher; professional who is in direct contact with this student is to promote help for them. Thus, the objective of this work is to contextualize the role of the educator during the process of building knowledge of the dyslexic student, in addition to describing the main causes and implications of Dyslexia. The study of the theme is justified due to the need to deepen knowledge in relation to disorders that affect the acquisition of knowledge, especially dyslexia, in addition to highlighting the methodological actions that Portuguese Language teachers use to help students with the disorder . For this, the bibliographic research of the following authors is used Gonçalves; Peixoto (2020), Suzana Moura (2013) Fernandes; Penna (2008), Cunha (2010), Pinheiro and Cabral (2017) and Lima (2018). Through this study, it is possible to observe that the role of the Portuguese language teacher in this process is essential, and that, therefore, it is his responsibility to carry out pedagogical interventions that facilitate the structuring of the knowledge of dyslexic students and understand the diversity of the classroom. .

Keywords: Dyslexia. Teaching and learning. Portuguese language.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XXI, com o avanço da ciência e o aprimoramento das práticas pedagógicas, o interesse pela temática dos transtornos específicos de aprendizagem, incluindo a dislexia, começou a crescer por parte dos pesquisadores em diferentes regiões do mundo, inclusive no Brasil. Atualmente, no contexto escolar, busca-se aperfeiçoar as políticas educativas direcionadas para essa temática com o intuito de promover a inclusão e potencializar o desenvolvimento das competências e habilidades desses alunos.

A dislexia é considerada um distúrbio ou transtorno de aprendizagem relacionado especificamente à linguagem, caracterizado pela dificuldade de codificar as palavras e os conseqüentes prejuízos à leitura, escrita e soletração. Não há atualmente consenso sobre a etiologia desse transtorno, nem há diagnóstico preciso para sua determinação.

Diante disso, destaca-se a importância de conhecer e discutir sobre a dislexia na tentativa de elucidar suas características e proporcionar apoio pedagógico adequado aos alunos com esse transtorno de aprendizagem, para que tenham garantido seu desenvolvimento na aquisição da língua e não fiquem

frustrados com o desempenho em sala de aula, evitando prejuízos ao seu convívio em sociedade. Nesse contexto, o professor de Língua Portuguesa, responsável pelo domínio do sistema de linguagem, pode auxiliar os estudantes disléxicos.

A partir desse entendimento, reconhece-se que há especificidades em relação às técnicas pedagógicas de ensino direcionadas à inclusão de alunos com dislexia. Considerando-se que o educando disléxico apresenta dificuldades na leitura e escrita, o presente estudo busca responder ao seguinte questionamento: Qual o papel do professor de Língua Portuguesa no processo de ensino e aprendizagem do aluno disléxico do Ensino Fundamental- anos finais?

Na tentativa de responder tal questionamento, o objetivo geral deste trabalho é contextualizar a atuação do professor de Língua Portuguesa durante o processo de ensino e aprendizagem do discente. A escolha pela questão norteadora que embasa a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundar o conhecimento e debater constantemente sobre algo frequente na prática pedagógica, que são os distúrbios de aprendizagem, em especial relacionado à dislexia, que é extremamente relevante, tanto do ponto de vista científico quanto social. Além disso, é um tema pouco discutido nos cursos de licenciatura.

DISLEXIA: concepção, características e tratamento.

A dislexia, como já mencionado anteriormente, é um transtorno de aprendizagem que está ligado a fatores neurológicos e de desenvolvimento, afetando a capacidade do indivíduo de adquirir a linguagem oral e escrita. Na maioria dos casos esse transtorno pode perdurar por toda vida, também é frequentemente inato. Segundo Gonçalves e Peixoto (2020, p. 14):

A dislexia é considerada um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp) que tem origem neurobiológica e afeta diretamente a leitura e a escrita. Em outras palavras, é um transtorno do neurodesenvolvimento que preocupa pais e professores no processo de alfabetização das crianças, embora se manifeste desde muito cedo por sua origem biológica. As pessoas com Dislexia costumam ter dificuldades quando associam o som à letra, e costumam também trocá-las ou mesmo escrevê-las em ordem contrária.

Por vezes, o aluno que tem essa espécie de tríade é rotulado pelo professor de “burro,” “preguiçoso” e outras qualificações. Isso ocorre quando profissionais não estão preparados e não sabem do que se trata esse e outros tipos

de distúrbios. A dislexia é uma desordem em que se relacionam fatores genéticos e neurobiológicos. Para Suzana Moura (2013 p.12):

Os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles têm dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras.

Os problemas de maneira alguma são físico-cerebrais, visto que não há nenhuma deficiência física que afeta o cérebro. A fisiopatologia da dislexia indica que os transtornos de aprendizagem comuns a suas características ocorrem pelo fato de o indivíduo receber informações em áreas diferentes do encéfalo. A dislexia jamais será uma doença, ela é considerada um distúrbio genético que provoca um conjunto de perturbações que dificultam o aprendizado. Quando tratada precocemente, não atrapalha o desenvolvimento da criança, diferente se for descoberto tardiamente.

Segundo Tabaquim *et al.* (2016), a dificuldade de transcrever textos para o caderno, fazendo-os com letras deformadas e desorganizadas, além da leitura muito silabada e lenta, são peculiaridades próprias de quem possui dislexia. Essas características podem criar situações constrangedoras ao educando, suprimindo o trabalho do professor. É basicamente isso que ocorre com a criança disléxica, por apresentar letras ilegíveis e dificuldade na leitura, elas recebem alguns apelidos ofensivos que as deixam ainda mais desmotivadas. Esses acontecimentos tornam-se uma barreira para o próprio educador.

Outro fator muito importante é que a dislexia não está associada à idade mental do indivíduo, já que um adulto também pode ter dislexia, visto que essa é uma condição vitalícia, além de não estar atribuída a dificuldades visuais, a uma estrutura familiar frágil, nem mesmo a uma escolaridade insuficiente. Segundo Pinheiro e Cabral (2017), a dislexia está subdividida em: *dislexia do desenvolvimento*, onde o indivíduo já nasce com ela, sendo assim uma característica inata; *dislexia adquirida*, na qual o indivíduo perde a capacidade de ler e escrever resultante de um acidente cerebral.

O teórico Pierre Paul Broca, depois de muitos estudos realizados no século XIX, descreveu que as desordens relacionadas à linguagem verbal estavam

associadas às lesões cerebrais, especificamente na terceira circunvalação do hemisfério esquerdo. Por conta dessa descoberta, esse campo cerebral ficou conhecido até hoje como “área de Broca”.

Os autores Mansur e Radanovic (2004) afirmam que pacientes com afasia de Broca possuem dificuldade em produzir a fala. Essas pessoas têm dificuldades em conjugar verbos, introduzir os artigos nos lugares adequados, pois a linguagem desse sujeito fica abreviada.

Alguns anos depois, Karl Wernicke localizou na região temporoparietal do hemisfério esquerdo do cérebro lesões que danificam a linguagem verbal, afetando a compreensão do sujeito, ou seja, o indivíduo com essas lesões reconhece bem as palavras e a escrita geralmente é excepcional, mas é incapaz de uni-las para formar um pensamento coerente, por isso que esse setor do cérebro recebeu o nome de “área de Wernicke”.

Para Pinheiro e Cabral (2017 p. 14) “se houver uma lesão na região occipitotemporal ventral esquerda e/ou nos feixes que a associam às outras áreas da linguagem verbal, ocorrerá a dislexia adquirida [...]”. A dislexia adquirida não é uma dificuldade de aprendizagem inata, mas que ocorre a partir de algum acidente que afeta o cérebro. E foi a partir desses achados que a *dislexia adquirida* foi compreendida e estudada com mais vigor.

Por outro lado, a *dislexia do desenvolvimento* é aquela que o sujeito, mesmo recebendo acompanhamento adequado para ler e escrever satisfatoriamente, não deixa de possuir esse distúrbio, porque os fatores que causam a dislexia permanecem mesmo após intervenção. As pessoas que possuem dislexia podem estar sujeitas a ser diagnosticadas com um determinado grau, haja vista que esse distúrbio possui três níveis de severidade: leve, severo e moderado.

O grau de intensidade da dislexia vai depender de vários fatores. Sabe-se que o disléxico tem dificuldades de relacionar a linguagem escrita com a linguagem falada. Então, para definir se o comprometimento será leve, moderado ou severo deve-se observar o tipo de ortografia a que o aluno disléxico é exposto e o tipo de sistema linguístico, ou seja, a relação dele com a linguagem. Por isso os diferentes graus de comprometimento dependerão de fatores intrínsecos e culturais do indivíduo.

No entanto, uma característica que se destaca sobre esse distúrbio é o fato de que, seja qual for a rigurosidade das dificuldades com a escrita e a leitura, crianças com dislexia frequentemente apresentam uma capacidade de aprendizagem diferenciada. Para Pinheiro e Cabral (2017, p.16) podem incluir:

- uma ótima habilidade espacial, demonstrada, por exemplo, na construção de modelos sem o uso de instruções;
- a habilidade de pensar profundamente sobre assuntos e fazer perguntas pertinentes e sensatas, usando vocabulário avançado;
- consciência social bem desenvolvida;
- habilidade de resolver problemas rapidamente;
- alto desempenho em geometria, xadrez, jogos de baralho e de computador, bem como habilidades tecnológicas superiores.

Os indivíduos com dislexia, apesar de apresentarem dificuldade em ler e escrever, possuem aptidões em diferentes áreas como pintura, jogos, habilidades tecnológicas, entre outros. Eles podem desenvolver outras competências resolvendo problemas bastante complexos para aqueles que têm uma aquisição linguística adequada, porém apresentam dificuldades para solucionar outros problemas bastante óbvios.

As crianças com dislexia, assim como os demais indivíduos com distúrbio de aprendizagem, têm uma autoestima baixa, além disso, duvidam da sua própria capacidade por receberem alguns adjetivos maldosos dos colegas, inclusive dos educadores. Segundo Silva (2008, p.18):

(...) A leitura torna-se mais lenta e segmentada, o que compromete a velocidade de cognição e memorização, produzindo cansaço, inversões, troca de palavras e perda de linhas no texto, desfocamento, sonolência, distúrbios visuais, dores de cabeça, irritabilidade, enjoo e fotofobia após um intervalo relativamente curto na leitura.

O diagnóstico tardio da dislexia agrava o desenvolvimento da linguagem. Se a cada dia elas forem estimuladas, ensinadas e orientadas, o seu desenvolvimento será muito significativo. O papel do professor é estimular, porque o efeito emocional que a dislexia e qualquer outro distúrbio ou dificuldade ocasionam podem levar para além do fracasso escolar.

O tratamento deve ser feito de maneira imediata, logo após o diagnóstico, por uma equipe interdisciplinar composta por neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos. O neurologista ou psicólogo, por exemplo, por

ouvir as queixas e problemas relatados pelo indivíduo, depois, juntamente com fonoaudiólogos e psicopedagogos, podem analisar os dados coletados para dar o diagnóstico e encaminhar a criança ou jovem para intervenções adequadas.

O professor de língua portuguesa, responsável por estar em constante contato com as letras, pode ajudar as crianças a conhecerem os sons das letras, explicar como o som de algumas pode ser modificado ao se unir com outras, a posição delas em uma sílaba, entre outras técnicas. Por isso a educação precisa valorizar a heterogeneidade, porque a diversidade auxilia o desenvolvimento dos alunos levando-os a despertar o interesse pelo aprendizado e se comprometer com os estudos. A sala de aula é o melhor espaço para isso, porque é na instituição escolar que a dislexia de fato pode ser diagnosticada. Os conteúdos, as metodologias e a organização devem abranger todos.

PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DISLÉXICAS E AS AÇÕES METODOLÓGICAS

Ao se deparar com um aluno que possivelmente tenha algum transtorno de aprendizagem, é necessário que o professor converse com os responsáveis para que estes possam levá-los a um profissional encarregado por diagnosticar. Quando esse aluno recebe o laudo, inicia-se uma caminhada para que este possa ter uma aprendizagem eficaz.

É nessa descoberta que as intervenções a serem realizadas devem ser pensadas ainda mais, já que enriquecerá no progresso das crianças. O professor deve repensar sobre os métodos de ensino. Cada aluno têm um contexto de vivência diferente, além do que aqueles que apresentam dislexia podem possuir graus diferentes. As autoras Bello e Ribeiro (2018, p. 12) dizem:

Quando nos referimos às intervenções a serem trabalhadas em crianças diagnosticadas com tal transtorno devemos levar em conta que cada indivíduo está inserido em um meio social diferenciado, que cada um possui uma história de vida diferente dos demais, com suas dificuldades e delimitações específicas. Deve-se considerar ainda que não existe apenas um tipo de dislexia, por isso menciona-se com tanta frequência o diagnóstico adequado da criança para que sejam tomadas as medidas cabíveis na instituição, e que o estudante seja inserido em sua sala com demais colegas de forma a não se sentir excluído, e contribuindo para o desenvolvimento social dos alunos (...).

Assim, as interferências feitas devem estar de acordo com cada tipo de aluno, já que, como não existe uma especificidade de dislexia, o educador deve estar atento, assim a aprendizagem não será comprometida. Conhecer cada tipo de dislexia e principalmente o aluno, porque cada criança é proveniente de um contexto social, familiar e cultural, significa respeitar a individualidade. Tudo isso contribui para alavancar o processo de ensino-aprendizagem.

Outro fator muito importante que contribui para o processo de aprendizagem dos alunos com dislexia é não colocá-los em salas de atendimentos especializados, pois as crianças podem sofrer algum traumas que impossibilitem a busca pelo conhecimento. Buscar aperfeiçoar os conhecimentos em relação à dislexia é mais que um ato de aprimoramento, mas uma questão de empatia, onde o educador se coloca no lugar desse aluno e lhe ensina. Apesar das dificuldades encontradas pelo caminho, atitudes como essas são muito relevantes. Fernandes e Penna (2008, p. 41) colocam que:

A intervenção na dislexia tem sido feita, principalmente, por meio de dois métodos de alfabetização: o multissensorial e o fônico. Enquanto o método multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas; o fônico revela-se mais eficiente para as crianças menores.

Quando o aluno disléxico começa a ter contato, entender e compreender as letras, a composição e a fonética delas possibilita um grande passo para se ter resultados positivos. Um estudo multissensorial das letras também contribui bastante, porque ao ler palavras e ao mesmo tempo escrevê-las é mais eficaz, só assim será fortalecido o elo entre leitura e escrita. Cuba (1987, p. 40). diz:

Na dislexia mais séria há frequentemente necessidade de se recorrer a técnicas especiais, empregando-se outros recursos além da visão e da audição, como fazem os vários métodos visuo-audio-cenestésicos, em que entram movimentos. Pode ser mesmo necessário o emprego dos visuoaudio-cenestésicos-táteis, em que entra também o contato do dedo com o material a ser lido – a criança traça, com o indicador e o médio, a palavra que acabou de escrever, pronunciando-a.

Instigar o aluno disléxico a conhecer as letras, a composição e a fonética delas já é um grande passo que terá resultados amplamente satisfatórios. Um estudo multissensorial das letras também contribui bastante, porque ao ler e ao mesmo tempo escrever as palavras é mais vantajoso, só assim será fortalecido o elo

entre leitura e escrita. O método fônico, que é usado quando se ensina os sons das palavras separadamente, também é de grande relevância para essas crianças, porém essa surtirá mais efeitos naquelas que estão no início da alfabetização.

O método multissensorial é indicado para as crianças mais velhas, pois permite uma exploração e desenvolvimento de diferentes áreas. Cuba (1987) ressalta que os métodos visuoaudio-cenestésicos-táteis são eficientes para as crianças disléxicas. Basicamente é a junção da visualização, reprodução e contato com as letras, palavras e enunciados. Para Mattani (1987, p.15 apud DROULET, 1997, p. 156):

- 1) Explique à criança seu problema.
- 2) Sente-se lado dela.
- 3) Não force o aluno a aceitar a lição do dia.
- 4) Não o pressione com o tempo, não estabeleça competição com os outros.
- 5) Seja flexível quanto aos conteúdos das lições.
- 6) A criança pode tentar disfarçar seus erros, através da caligrafia ilegível.
- 7) Faça críticas construtivas.
- 8) Estimule o aluno a escrever em linhas alternadas, o que permite a leitura da caligrafia imprecisa.
- 9) Certifique-se de que a tarefa de casa foi entendida pela criança.
- 10) Peça aos pais que releiam com ela as instruções.
- 11) Evite anotar todos os erros na correção. Dê mais importância ao conteúdo.
- 12) Não corrija com lápis vermelho. Isso fere a suscetibilidade da criança com problemas de aprendizagem.
- 13) Procure descobrir os interesses da criança.
- 14) Procure leituras que interessem à criança.

Essas são algumas propostas para que os educadores possam auxiliar com eficiência os alunos disléxicos pois cada um terá seu tempo para a aprendizagem. Assim como qualquer criança que não possui dislexia ou outro tipo de distúrbio, elas levam um pouco de tempo para aprender, já que cada um tem suas individualidades. Fernandes e Pena (2008) dizem que algumas coisas que supostamente são simples, para os disléxicos são coisas que levam um pouco de tempo para eles associarem, já que eles têm dificuldades em lidar com as linguagens, símbolos, tempo e espaço, entre outras coisas.

Ainda falando dos métodos fônico e multissensorial, ambos têm sido muito utilizados e representam grandes aliados para os educadores trabalharem com essas crianças. O primeiro método consiste em etapas, em que é apresentado para os alunos as letras e em seguida o som, para que assim eles possam formar sílabas, frases e textos coerentes. Ao apresentar a letras, o professor não deve utilizar-se de apenas um método, mas apresentar diversos tamanhos e formatos, por exemplo, expor letras cursivas e bastão (letras de forma). Nessa etapa os alunos

conseguirão identificar cada letra e não correrão o risco de se confundir ao formar sílabas.

A metodologia multissensorial evidencia como ferramenta a pronúncia da palavra (leitura) e a escrita. A junção de ambas é muito eficiente porque, ao ouvir o som das letras e sílabas pronunciadas pelo professor e depois novamente reproduzir oralmente e logo depois escrever faz muita diferença, já que com esse método vários sentidos dessa criança estão sendo trabalhados. Segundo Sebra e Dias, (2011 p. 314, 315) “Maria Montessori foi uma das precursoras do método multissensorial. Montessori defendia a participação ativa da criança durante a aprendizagem.” Para Montessori, esses métodos multissensoriais em que temos a participação ativa do tato da criança são de grande valia para o aluno.

Sendo uma das precursoras dessa metodologia, Maria Montessori prezou e defendeu por uma autoeducação do aluno. Para a médica e pedagoga, cada aluno tem uma maneira própria para aprender e o professor deve dar total liberdade para seus educandos. Enfim, é perceptível, a partir das metodologias estudadas, que elas são importantes, mas que não é uma receita pronta com objetivo de dar certo com todos os disléxicos, ou seja, não é um sistema efetivo, por isso o professor deve buscar inúmeras alternativas para o ensino e aprendizagem dos alunos disléxicos.

O papel do educador é procurar procedimentos que possam ajudar os estudantes, e acima de tudo não os distinguir dos demais colegas, pois jamais um método será eficiente se o aluno não se sentir bem psicologicamente. Os professores(as), a equipe de atendimento especializado e principalmente a família são fundamentais no processo evolutivo das crianças disléxicas.

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E A DISLEXIA

Não há dúvidas de que o educador é essencial na vida do aluno com dislexia, ressaltando neste aspecto o significativo papel do professor de LP. Os docentes dessa área estão aptos e familiarizados com questões recorrentes da língua materna, bem como da escrita e leitura. Por isso o professor pode cumprir o

papel de auxiliar esses indivíduos, porém não se pode negar a importância dos discentes das demais áreas do conhecimento na colaboração da aprendizagem.

Quando os professores trabalham com uma série de alunos disléxicos podem ocorrer dúvidas sobre o que ensinar a eles, principalmente aqueles que estão na fase de alfabetização, do conhecimento dos fonemas e a escrita das palavras. Capovilla (2003, p. 23 apud Fernandes e Penna 2008, p. 44) diz:

Primeiro deve-se ensinar as vogais, após as consoantes que possuem som único (f, j, m, n, v e z), as consoantes com mais de um som (l, s, r e x), seguidas das letras com pronúncias mais complexas (b, c, p, d, t, g e q), as consoantes menos utilizadas (k, w e y), os dígrafos (ch, nh, lh, rr, ss, gu e qu), seguidos de letras que possuem sons irregulares (e, g, r, s, l, m, ç e x) e finalmente os encontros consonantais, todos ensinados nesta sequência respectiva. Desta forma, a técnica fônica vem demonstrando resultados positivos de aplicação.

E a partir do que foi colocado por esses autores, não se pode negar a influência do professor de língua portuguesa na vida dos alunos disléxicos. Vários questionamentos são feitos quando se trata da aquisição da leitura e escrita, porque a consecução da linguagem é a base para o conhecimento. Por exemplo, quando se questiona qual o profissional que tem conhecimento dos fonemas, grafemas, das vogais, semivogais, os dígrafos, entre outras coisas? E a resposta imediata, é que são os professores de língua portuguesa, visto que a formação deles está constituída na estruturação da língua. Lima (2013, p. 27) diz:

Se lidar com a leitura e a escrita diariamente já é uma tarefa árdua para pessoas que têm acesso à educação formal e não possuem transtornos de aprendizagem, é algo ainda mais complexo para os indivíduos que enfrentam a todo o momento as consequências da dislexia. Atividades cotidianas como preencher um formulário no hospital, procurar um endereço, pegar um ônibus exigem que o cidadão tenha competência tanto na leitura quanto na escrita.

Buscar diversos métodos para que os alunos disléxicos possam aprender é uma tarefa árdua. São várias as dificuldades que os indivíduos que apresentam dislexia se defrontam e, conseqüentemente, o professor de língua portuguesa pode utilizar de diversos meios para ajudá-los, como recorrer a textos por exemplo. De acordo com Lima (2013), produzir e reescrever textos beneficia os alunos pois terão uma maior assimilação do que foi escrito por eles.

Percebemos que o preparo dos professores de língua portuguesa é o mais indicado e eficiente. As palavras quando são formadas não ficam isoladas, elas

dão origem a sentenças, aos períodos que juntamente a outros formam um todo cheio de significado.

Outro ponto a ser ressaltado é que alguns acreditam que quando os disléxicos iniciam um tratamento, eles estão livres desse tipo de transtorno de aprendizagem, o que não é verdade, por isso a importância do professor de língua materna estar sempre acompanhando seus alunos no ensino fundamental II. Pinheiro e Cabral (2017, p. 22) citam:

Sofri durante os meus anos de escola por causa da minha dislexia, mas tenho lentamente aprendido a lidar com ela, tanto que recentemente consegui o trabalho que eu sempre quis. Ainda assim, a dislexia não vai embora. Ela continua aparecendo de forma estranha. Por exemplo, revisei a minha tese de Ph.D. antes do exame oral e detectei centenas de erros.

Esse testemunho de Eric Woehrling diz muito a respeito do que já foi comentado no último parágrafo. A dislexia é algo que perdura por uma vida toda, o indivíduo que possui não fica curado. O tratamento ajuda muito a levar uma vida normal, além disso os professores devem auxiliar sempre os indivíduos que possuem esse tipo de transtorno. Outro ponto muito importante a ser ressaltado é que devemos levar o testemunho de Woehrling como referência. As pessoas que possuem dislexia são tão inteligentes quanto as demais, pois as considerações de Eric mostram que ele estava produzindo sua tese de Phd, indo de encontro a tudo o que vem sendo escrito neste trabalho. Bello e Ribeiro (2018, p. 09) dizem:

A dislexia é um distúrbio que não impossibilita a criança de ler e escrever, mas apresenta-se como causadora de problemas na aprendizagem da leitura e escrita da criança; se o transtorno for detectado precocemente poderá ser minimizado e superado por meio de intervenções adequadas que beneficiem a instrução do indivíduo, possibilitando desenvolvimento integral da criança dentro de suas dificuldades. A instituição escolar deve estar atenta e preparada para atender o aluno disléxico, incluindo-o, cumprindo assim seu papel social, político e pedagógico.

O aluno disléxico não pode ser rotulado como sujeito que nunca vai aprender a ler e escrever. É fato que ele encontrará dificuldades na realização dessas e de outras tarefas, contudo a escola deve estar preparada, juntamente com o professor de língua portuguesa, para que juntos possam fazer as devidas intervenções e ações metodológicas que sejam eficazes para cada tipo de aluno.

Entretanto é preocupante a falta de atenção que é dada nas universidades para esse transtorno de aprendizagem. Para Lima (2013, p. 06): “A dislexia deveria ser estudada no contexto universitário, principalmente nos cursos de licenciatura. Mas ela ainda é pouquíssima trabalhada e discutida atualmente...”. Mostrar, trabalhar, comentar e ver na prática a dislexia no âmbito acadêmico fortalece ainda mais o sistema educacional, além de ensinar como os jovens e alunos disléxicos podem aprender e estar no mesmo nível de conhecimento dos demais colegas de classe.

CONCLUSÃO

Ensinar nunca será uma missão fácil para os educadores, principalmente tratando-se de alunos com dislexia. Utilizar algumas técnicas como, por exemplo, conteúdos que atendem as especificidades de cada estudante e atividades multidisciplinares são indispensáveis para alcançar os objetivos desejados. Isso deve ser realizado sempre considerando as limitações desses alunos.

Conceituar a dislexia é importante para que os educadores em geral possam ajudar e identificar as necessidades de cada estudante. Sem dúvidas o professor de língua portuguesa possui papel fundamental na vida dos educandos disléxicos, fornecendo a eles subsídios para aquisição do conhecimento, proporcionando práticas pedagógicas que atendam suas dificuldades.

Os professores podem atuar no ensino e aprendizagem dos alunos formulando ações metodológicas para a aquisição do conhecimento de qualidade sem diferenciações. Nesse sentido, é indispensável priorizar conteúdos e estratégias didáticas que extrapolem os limites da sala de aula, visando o crescimento sociocultural e a integração social dos alunos como meio de se alcançar uma aprendizagem satisfatória.

Os achados dessa pesquisa demonstram que o professor de Língua Portuguesa e sua mediação com os alunos disléxicos podem fornecer subsídios teóricos para a fundamentação de novos estudos nas diversas áreas do conhecimento, além de manter a sociedade educativa sempre informada sobre os

distúrbios de aprendizagem, as características, causas e estratégias para que a escola se torne ainda mais inclusiva.

É significativamente importante abordar esse tema para compreender qual o papel do educador de língua portuguesa no ensino do aluno disléxico nos anos finais do Ensino Fundamental, identificando como ele pode auxiliar o aluno que necessita de atenção específica diante de sua dificuldade de aprendizagem, contribuindo para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BELLO, Karina de Moraes; RIBEIRO, Vanessa Alves. **Metodologias De Ensino No Processo De Ensino Aprendizagem De Alunos Com Dislexia No Ensino Fundamental**. Rev. COSMO ACADÊMICO (ISSN 2595-0304), vol. 1, nº 3, ano 2018
Disponível em:
<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-cosmos-academico-3.pdf>.
Acesso em: 12 de mar. de 2020.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. C. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2003.

CUBA, Cacilda dos Santos,. **Dislexia Específica de Evolução**. São Paulo: Sarvier, 1987.

DROULET, Ruth C. R – **Distúrbios da aprendizagem**. Ática. São Paulo, 4ª ed. 1997

FERNANDES, R. A.; PENNA, J. S. **Contribuições da psicopedagogia na alfabetização dos disléxicos**. Revista Terceiro Setor, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em:<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/01/revista-cosmos-academico-v01-n03-artigo-01.pdf>. Acesso: 13 de março de 2020.

GONÇALVES, Patrícia; PEIXOTO Amanda. **10 Perguntas E Respostas Para Compreender A Dislexia**. 1 ed: Curitiba. Ed. Dialética e Realidade, 2020.

LIMA, Luísa Barbosa. **Dislexia e ensino-aprendizagem de língua portuguesa: um estudo de caso**. 41 f. Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7114/1/2013_LuisaBarbosadeLima.pdf. Acesso em: 12 de abr. de 2020.

MANSUR, L. L; RADANOVIC, M. **Neurolinguística: Princípios para a prática clínica**. São Paulo, SP: Edições Inteligentes. 2004.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos.** Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói:RJ.2013.Disponível,em:http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf. Acesso em: 24/05/2020.

PINHEIRO, V. M. Ângela; CABRAL, Leonor Scliar. **Dislexia: causas e consequências.** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. 65 p.:il.. Disponível em: http://dislexiabrasil.com.br/docs/Baixar_o_e-book.pdf. Acesso em: 24 de fev. 2020.

SILVA, Cristiele Ferreira da. **Dislexia: compreender para melhor educar.** Universidade CândidoMendes2008.Disponívelem:https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/42326.pdf. Acesso em 22/05/2020 as 19:30 hs

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins - **Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz.** Revista Psicopedagogia. São Paulo, vol. 28, no. 87 p. 306-320, 2011. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/161/metodos-de-alfabetizacao--de-limitacao-de-procedimentos-e-consideracoes-para-uma-pratica-eficaz>. Acesso em: 14 de abr. 2020.

TABAQUIM, Maria de Lourdes Merighi, *et. al.* **Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento.** Rev. bras. Estud. pedagog. (online), Brasília, v. 97, n. 245, p. 131-146, jan./abr. 2016. PDF.